

A EXPERIÊNCIA EM FOCO: REFLEXÕES SOBRE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

MICCOLI, L. S. *Pesquisa experiencial em contextos de aprendizagem: uma abordagem em evolução*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

Pesquisa experiencial em contextos de aprendizagem: uma abordagem em evolução nos traz reflexões de Laura Miccoli e de outros pesquisadores sobre estudos que envolvem experiência no campo da Linguística Aplicada (LA). Este livro é bastante significativo para a área de ensino e de aprendizagem de línguas, pois reúne estudos recentes nesta área, bem como aponta lacunas a serem preenchidas dentro dos estudos que envolvem a experiência em LA.

A obra tem como enfoque temas que têm como atenção a experiência da aprendizagem na voz daqueles que as vivenciam em sala de aula e em outros espaços com treze estudos e um capítulo introdutório e estão divididos em três partes. A primeira parte traz seis estudos que tiveram como foco as experiências de estudantes. A segunda parte, apresenta três trabalhos com foco nas experiências de professores e na terceira temos três estudos que colocam a luz sobre as experiências de professores e alunos.

Apesar de os capítulos estarem organizados por blocos de estudos afins, é possível perceber a variedade de olhares que se voltam para um mesmo aspecto: a experiência imbricada no ensino e na aprendizagem de línguas. Nos estudos que focam nas experiências de estudantes, temos trabalhos que tratam de autonomia (BAMBIRRA; SILVA; SOUZA), de aprendizagem de inglês (ARAGÃO, ALONSO e FERREIRA) e de língua materna (LIMA JUNIOR; CONCEIÇÃO).

Já os estudos cujo foco está nas experiências de professores e professores e alunos, voltam seu olhar para o processo de ensino e de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. No primeiro caso, todos os três estudos

(ZOLNIER; COELHO; CUNHA) analisaram professores em ações de educação continuada, ao passo que, na segunda situação temos estudos que envolvem questões de avaliação e crenças (BARATA), de indisciplina em curso livre (VIANINI) e de sucesso na aprendizagem de inglês na escola pública (ARRUDA).

Até aqui, podemos perceber que os estudos que envolvem as experiências com estudantes são maioria e que, talvez, seja preciso mais olhares atentos e investigativos para o professor e a relação professor-aluno. No entanto, tal percepção só poderá ser confirmada, ou refutada, mais a frente quando abarcaremos as considerações de cada autor.

Outrossim, é mister afirmar que os estudos que envolvem experiências ampliam a percepção do processo de ensinar e/ou de aprender língua estrangeira – vertente que concentra a maior parte do cerne dos estudos, bem como traz contribuições muito significativas para o campo da LA, uma vez que amplia a visão da sala de aula, colocando luz sobre as ações/emoções dos atores envolvidos no processo.

Na visão de Miccoli, o processo de ensino e aprendizagem de línguas, sendo ela materna ou estrangeira, é permeado por uma série de questões que a LA vem buscando responder ao longo de décadas de estudo, a exemplo: o papel do professor no processo de aprendizagem; os estilos de aprendizagem; os métodos de ensino; entre outras questões. A autora defende que a experiência, como unidade de análise, pode ser uma via que ajude na compreensão desse processo. Sendo assim, no início de seus estudos - 1994, ela decide dar voz ao estudante para investigar a aprendizagem pelo olhar de quem participa da ação e entender a significação dos eventos que ocorrem em sala de aula de língua inglesa.

Optando por um método misto de pesquisa – pesquisa quali-quantitativa, Miccoli, em 1997, dá continuidade à sua pesquisa, de formato triangulado, com seis graduandos em Letras em aulas de inglês do nível intermediário. É na introdução deste volume que a autora detalha sua metodologia de

pesquisa. Explica o passo a passo da pesquisa, o aporte teórico usado, mostra como chegou a categorização das experiências e como testou sua confiabilidade.

Tomando a experiência como um Sistema Adaptativo Complexo (SAC), fica claro que estas emergem de relações diversas que modulam e transformam todos os envolvidos no processo. No entanto, como o próprio nome diz, tal sistema é complexo e sua complexidade reside nos estados cíclicos de experiências passadas serem insumos para novas experiências, nas bifurcações entre os estados de antes e depois, nos processos reflexivos que podem levar ao limiar do caos, entre os extremos de ordem e desordem.

Assim a autora transcreve a complexidade das experiências em categorias, discriminando-as em diretas e indiretas, dividindo-as em outras subcategorias, separando-as entre experiências de professores e alunos. No entanto, com o desenvolvimento de novas pesquisas envolvendo experiências, nomenclaturas, categorias e subcategorias sofreram mudanças, foram adaptadas, e assim, a todo essa categorização chamou-se marco de referência.

Como exposto por Miccoli (2014, p. 55) “concebe-se um marco de referência como um ponto de partida” e é justamente a intenção desse capítulo introdutório: situar o leitor em todo o processo de construção e concretude teórica de experiência como construto, como unidade de análise, que pode ser basilar para novas perspectivas e novos olhares para os eventos de ensino e aprendizagem em sala de aula.

PARTE I: PESQUISAS COM FOCO NAS EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES

Essa primeira parte é composta por seis trabalhos que se debruçam sobre o processo de aprendizagem de Língua Estrangeira – Inglês, com exceção do trabalho de Lima Junior e Conceição (2014) que abordará o

aprendizado do Português padrão, com vista às experiências dos estudantes. Todos os autores da primeira parte corroboram com a ideia de que um estudante em sala de aula vive uma experiência rica em sentimentos, percepções e ações.

O primeiro trabalho intitulado *Observar, narrar e significar a experiência de aprendizagem*, Aragão traz a experiência dele próprio com um estudante durante a condução de uma pesquisa, cujo interesse estava na relação entre experiências, crenças e emoções. Ao longo do artigo, o autor descreve como o estudante, que escolheu o pseudônimo de Cheguevara, “refletiu sobre sua trajetória na aprendizagem de língua inglesa, distinguindo suas emoções, crenças, conflitos e desafios” (p. 80).

É interessante ressaltar que Aragão, na definição dos conceitos utilizados em sua pesquisa, faz distinção entre emoção e sentimento. Para ele, as emoções são disposições corporais que modulam experiências e relações, ao passo que ao mudar de emoção, muda-se a ação; no entanto, o sentimento seria a distinção dessa emoção na linguagem. Ou seja, é na reflexão pela linguagem, que se distingue o sentimento.

Fica evidente, ao longo do artigo, que o ato de narrar as experiências envolve linguagem e reflexão e evoca “memórias, dificuldades, desafios, medos, identidades, aspirações, visões e tristezas” (p. 97). Aragão defende que mesmo para aqueles que não conseguem superar seus desafios de forma imediata, a reflexão é positiva pois, permite a tomada de consciência do mundo em que se vive e das circunstâncias, podendo, assim, aceita-las ou rejeitá-las conscientemente.

O segundo artigo, cujo título é *Desenvolvimento de autonomia por meio de gerenciamento da motivação*, converge com Aragão em dois aspectos: no tocante a tomada de consciência acerca da responsabilidade sobre seu aprendizado, que gera a autonomia e, na apresentação do processo reflexivo vivenciado por uma estudante de língua inglesa.

O processo reflexivo abordado no trabalho de Bambirra, aliado com o gerenciamento da motivação, adota a teorização de Dörnyei (2001), que é compreendido em três fases: pré-acional, acional e pós-acional. São estas fases que a estudante Marilene vivencia e em que o escopo de estudo se baseia. Bambirra argumenta que essa teoria, “uma vez instrumentalizada, pode se transformar em mais uma maneira de empoderar estudantes, na promoção do desenvolvimento da autonomia” (p. 105). Logo, consonante com Aragão, é fundamental que o estudante consiga ter autopercepção e ao contexto de aprendizagem de modo realista e objetivo, pois só assim a reflexão poderá mediar o gerenciamento da motivação.

O terceiro artigo desta primeira parte também aborda a autonomia, expandindo seu olhar para a esperança dentro do processo de aprendizagem de língua inglesa. Em *Agenciamento e autonomia: mobilizando esperança nas experiências de aprendizagem de língua inglesa*, Silva e Souza mapeia a esperança no processo de aquisição linguística através de narrativas de experiências, dentro e fora da sala de aula, na intenção de compreender o “papel da esperança no empoderamento de aprendizes no processo de aquisição de língua inglesa” (p.148).

A esperança é descrita como motivação para haver comprometimento com resultados positivos e a cognição seria construída pelo pensamento direcionado ao alvo. Diante disso, o envolvimento do aluno no processo de aprendizagem é posto como fundamental, pois “o aprendiz esperançoso é capaz de pensar novas estratégias para lidar com desafios, enquanto avança em direção às suas metas” (p. 147). Por esse viés, a esperança seria o princípio norteador nas experiências de aprendizagem, uma vez que o aprendiz busca o conhecimento que deseja, oportunizando para si e para o outro, transformação e desenvolvimento.

Apesar de o quarto artigo tratar também de experiências na aprendizagem de língua inglesa, Alonso apresenta uma proposta interessante e distinta das demais apresentadas até aqui. Em *Experiências de*

aprendizagem de inglês com clássicos literários adaptados: uma prática legítima e eficaz, a referida autora documenta a aprendizagem de língua inglesa por meio de clássicos literários adaptados (CLAs) e defende as benesses desta proposta.

Embora fique evidente a postura defensiva de Alonso acerca do uso de CLAs no ensino de língua estrangeira, a autora não deixa de apresentar a postura de teóricos da área, como Little (1997), que vê a adaptação de textos como ilegítima. No entanto, tal postura é refutada por meio de explicações elaboradas ao longo de todo o texto. A exemplo da expansão de vocabulário e de acesso a estruturas gramaticais em contexto, conhecimento da cultura do outro, a integração de habilidades linguísticas também com foco no sentido e oportunidades de interação negociada, bem como oportuniza a motivação, participação, diálogo, agenciamento, crítica e reflexão.

O quinto artigo, *Ampliando horizontes: experiências de aprendizagem on-line*, aborda as experiências de aprendizagem no contexto tecnológico educacional. Ferreira deseja mapear as experiências vivenciadas no ambiente virtual de aprendizagem, chamado IngRede, que oferece cursos de inglês instrumental aos alunos e funcionários da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Toda coleta de dados foi feita de forma virtual usando a plataforma Moodle como suporte no ambiente virtual de aprendizagem – AVA. Neste contexto on-line, a aprendizagem é colaborativa, favorecendo a interação entre pares e facilitando a construção do conhecimento. Mapear as experiências neste contexto foi algo pioneiro e que, por isso, exigiu ampliação do *framework* das experiências de aprendizagem (MICCOLI, 2010) e a partir daqui, outros estudos poderão investigar outros ambientes de aprendizagem com um arcabouço teórico melhor direcionado.

A aprendizagem do português padrão no ensino fundamental: as experiências dos alunos é o último artigo desta primeira parte e que também

motivou adaptações no marco de referência de Miccoli (2010), pois, tal marco foi desenvolvido com o olhar nas experiências de aprendizagem em língua estrangeira.

Neste artigo, Lima Junior e Conceição discutem relatos de experiências de estudantes do ensino fundamental acerca de ensino/aprendizagem da variedade padrão do português. Fica claro, na apresentação destes relatos, que alunos das séries iniciais e finais do ensino fundamental vivenciam experiências bem diversificadas, mas significativas de aprendizagem.

Este estudo é significativo pois analisa as experiências dos aprendizes permitindo, assim, que professores de português conheçam, reflitam e discutam estas experiências com vista às suas próprias ações de ensino em sala de aula, buscando uma análise crítica de seu fazer pedagógico no intuito de ajudar os alunos na superação dos seus anseios e obstáculos.

PARTE II: PESQUISAS COM FOCO NAS EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES

A segunda parte é composta por três trabalhos (ZOLNIER; COELHO; CUNHA) que se debruçam sobre o processo de ensino de Língua Estrangeira – Inglês, mostrando os desafios vivenciados em sala de aula pelos professores e os aportes oferecidos pela educação continuada aos participantes, quer seja através de um projeto institucional ou pelo *coaching* instrucional. Todos os trabalhos dessa seção corroboram com Miccoli (2007) na defesa da ampliação de estudos acerca das experiências de professores

O primeiro trabalho intitulado *Educação continuada e transformação: a experiência de Luísa no PECPLI* Zolnier relata as experiências de participação de uma professora (cujo pseudônimo era Luísa) de escola pública no Projeto de Educação Continuada de Professores de Língua Inglesa (PECPLI), realizado na Universidade Federal de Viçosa. O objetivo da pesquisa é entender a trajetória de participação de Luísa, desde sua

chegada no programa, suas buscas, suas identidades bem como sua aprendizagem e transformação durante o processo.

A investigação mostra que a participante chega ao projeto com autoestima baixa e dificuldades para ensinar de forma mais efetiva e devido às trocas de conhecimentos e compartilhamento de suas angústias, ela vai se sentindo apoiada e mais confiante em relação ao seu próprio conhecimento. Diante disso, ela deseja estar no PECPLI por sentir pertencer-se a uma comunidade de profissionais que se respeitam mutuamente, conferindo condições para que mudanças possam acontecer, como defendido por Barcelos e Coelho (2010) e Miccoli (2010). As mudanças acontecem principalmente nas identidades, a participante modifica a forma como se vê e como acredita nela mesma, se tornando uma profissional mais fortalecida e tal confiança se estende a outras áreas de sua vida, como à disciplina, à escola e aos alunos.

No segundo trabalho, *“Somos capazes de mudar nossa trajetória”: experiências e emoções de professoras na educação continuada*, Coelho apresenta partes dos resultados da sua pesquisa (COELHO, 2011) a fim de identificar a influência das experiências e emoções vivenciadas no PECPLI sobre suas experiências como professoras de escola pública.

A partir daí a autora discute as experiências e emoções referentes ao contexto de prática e ao conhecimento linguístico das professoras, dividindo em duas seções. Em um primeiro momento ela relata as experiências e emoções no ensino de Língua Inglesa (LI) e em um segundo, experiências e emoções no PECPLI. Os resultados mostram que as professoras, devido aos diálogos realizados durante os três primeiros anos do PECPLI constroem um espaço para o compartilhamento de experiências de aprendizagem e ensino de LI. Revelam ainda que após as discussões dos textos e partilha das suas emoções em relação aos seus contextos de prática, as professoras se interessam em retomar os seus estudos formais em LI, colocando a questão linguística como alvo para o desenvolvimento de sua própria formação. É

inegável que as experiências sobre a aprendizagem de LI, vividas no programa, trazem contribuições relevantes para o resgate da autoestima das participantes, promovendo conseqüentemente novas emoções em relação à sua formação inicial e ao futuro delas como professoras de inglês. Por fim, mudam-se as emoções, mudam-se as ações (MATURANA, 1998)

No último texto dessa seção, intitulado *Uso de coaching instrucional na formação de uma professora de inglês em serviço: experiências e abordagem comunicativa*, Cunha investiga experiências de uma professora de inglês da escola pública regular, com um desempenho ruim no uso da língua inglesa, a partir de uma proposta de formação para professores de inglês com base no *coaching* instrucional (CI). Como o próprio título sugere, os aportes teóricos que sustentam a pesquisa são os estudos de experiência, o *coaching* instrucional (CI) e a abordagem comunicativa (AC).

Este trabalho surpreende em relação às investigações feitas com experiências com foco no professor pois, o autor se propõe a refletir sobre uma questão inovadora na área, o uso do CI no ensino e ele o faz de maneira bem didática, apresentando os pilares teóricos que embasam a sua pesquisa de forma bem explicativa e com uma linguagem acessível e fluente.

Os resultados mostram que após ser apresentada à AC, a professora-participante da pesquisa consegue fazer um maior uso da Língua alvo (La) em sala de aula, se mostra mais confiante para trabalhar com a AC e conseqüentemente obtém mudanças positivas em relação a fatores que antes a incomodavam, como indisciplina, falta de envolvimento e apoio da escola e ainda a insatisfação dos alunos. Esta investigação nos mostra a eficiência do uso do CI consonante à formação de professores de LE. Além disso, nos desperta para a necessidade de outras pesquisas que investiguem também a experiência de alunos ao vivenciarem a implantação da AC nas escolas públicas do Brasil e ainda, sobre o uso do CI para a formação continuada de professores no país.

PARTE III: PESQUISAS COM FOCO NAS EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES E ALUNOS

Nesta terceira parte, os trabalhos apresentados (BARATA, VIANINI e ARRUDA) dão vozes não somente aos professores, mas também aos estudantes, fornecendo assim uma visão das duas partes envolvidas nos contextos investigados.

Em *Modelos de avaliação experienciados e idealizados – experiências, metáforas e crenças de alunas e professoras em formação* Barata mostra resultados de sua pesquisa de doutorado sobre crenças em avaliação de Língua Inglesa. A investigação, um estudo de caso, conta com a participação de quatro alunas-professoras em formação inicial, com o objetivo de descrever como as experiências são formadas e como influenciam a avaliação em sala de aula.

No tocante à análise das experiências, os resultados mostram que as metáforas assinalam a avaliação como ameaça, sufoco e tensão e elas concebem experiências coletivas ruins provenientes do uso de provas e atividades avaliativas cujo objetivo é a nota e a verificação de erros e acertos. Esse tipo de avaliação pode surtir sentimentos negativos como insegurança, medo, ansiedade que depreciam a importância desse processo no agir da educação. Em relação às experiências com avaliação das participantes como alunas-avaliadas, a investigação mostra metáforas e crenças relacionadas à prova escrita como instrumento de representação; ao nervosismo; à nota; à valorização do acerto; à desvalorização da dificuldade; à punição e ao seu conteúdo. Ainda, os resultados revelam que as crenças das professoras-alunas aparecem a partir da reflexão sobre as experiências vividas com a avaliação durante o período de estágio. No entanto, segundo a autora, "ainda se faz necessário mais investigações sobre crenças sobre avaliação, para que assim os alunos e professores

despertem e assumam a necessidade de transformações" (BARATA, 2014, p. 343).

O texto intitulado *Experiências de indisciplina e aprendizagem em turma de curso livre*, de Vianini, mostra a investigação das experiências de indisciplina e ensino/aprendizagem de uma professora e de quatorze alunos entre 13 e 14 anos, em uma sala de aula de curso livre de inglês. A pesquisadora tem como objetivo, entender os motivos por trás dos comportamentos indisciplinados em sala de aula.

Além disso, devido às diversas significações do termo, a investigação toma como base as concepções de indisciplina dos próprios participantes da pesquisa, ou seja, os modos de ver e entender a indisciplina orienta atitudes e comportamentos em sala de aula (VIANINI, 2014). Os resultados sugerem que questões sociais contribuem para a indisciplina. Mais especificamente falando, tensão entre professor e aluno deve ser evitada. Além disso, segundo a autora, conhecer a fundo o contexto no qual a indisciplina acontece é crucial para compreender os verdadeiros motivos do comportamento indesejado. Ainda, deve-se encorajar educadores a discutir sobre o problema vivenciado com os seus próprios alunos a fim de buscar soluções em conjunto. E por fim, segundo ela, promovendo reflexão, fazendo com que os participantes possam avaliar se suas possíveis soluções serão eficazes, pode ser também uma maneira de lidar com o problema.

No último texto dessa seção, cujo título é *Experiências bem-sucedidas de inglês na escola pública: a relação entre agência e propiciamento*, Arruda faz um levantamento de experiências que obtiveram sucesso na aprendizagem de língua inglesa, mais especificamente, na escola regular, a partir de narrativas de aprendizes e professores. Seu objetivo principal é "entender o que as narrativas de sucesso na aprendizagem de estudantes da escola pública revelam sobre um contexto tido como não favorável ao desenvolvimento da aprendizagem da língua inglesa" (ARRUDA, 2014, p. 372).

Como participantes da pesquisa, foram selecionados quatro estudantes e seus respectivos professores da rede pública de ensino da capital de Minas Gerais. Os resultados mostram que alunos motivados por serem expostos às situações de aprendizagem significativas em um contexto favorável aprendem de forma ativa devido a seus investimentos a partir da tomada de decisão e engajamento em ações propícias a bons resultados. Nesse contexto, os estudantes fazem usos de estratégias de aprendizagem, são participantes ativos nas atividades propostas pelos professores, avaliam de maneira positiva a aprendizagem e mostram interesse nas aulas e na aprendizagem de inglês não só dentro de sala de aula, mas também fora dela. Ou seja, são motivados a aprender e se mostram autônomos, tomando para si a responsabilidade no processo de aprendizagem. Os professores, por sua vez, são imprescindíveis neste processo pois criam situações favoráveis em sala de aula que propiciam tais experiências.

A escola também apresenta, segundo Arruda, um papel fundamental: “por meio de apoio dos coordenadores ao trabalho dos professores, ambiente físico apropriado, recursos pedagógicos adequados modula a boa prática desses professores” (p. 398). Ou seja, se faz necessário condições adequadas de trabalho para que assim o ensino tenha como consequência experiências de aprendizagem com êxito.

Esta pesquisa traz uma certa esperança aos professores e alunos da rede pública pois nos mostra que “é possível aprender inglês na escola pública e que a aprendizagem fora do contexto de sala de aula acrescenta-se à aprendizagem da escola e vice-versa, contribuindo mutuamente para as experiências de êxito dos estudantes” (ARRUDA, 2014, p. 397).

CONCLUSÃO

Pesquisa experiencial em contextos de aprendizagem: uma abordagem em evolução é dirigida não somente aos linguistas aplicados, professores e estudantes de línguas estrangeiras, mas a todos aqueles, que se interessam pelas experiências de aprendizado.

Como discutido, a partir dos estudos que envolvem experiências a percepção sobre o processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira é ampliada. Segundo Miccoli, o ensinar e aprender uma língua envolve diversas questões que a LA tem investigado a fim de buscar respostas, como o papel do professor e os métodos de ensino, bem como os estilos de aprendizagem dos aprendizes. Para ela, a análise das experiências dos professores e estudantes pode ser um caminho para o entendimento desse processo.

É importante lembrar que é inegável que “o foco nas experiências de estudantes e professores contribui para uma melhor compreensão da natureza sociocultural do processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa” (VIANINI, 2014, p. 368). No entanto, pudemos notar que é preciso mais pesquisas e investigações voltadas para o professor e a relação professor-aluno, visto que os estudos que envolvem as experiências com estudantes ainda são a maioria – vertente que tem trazido contribuições diversas para a área da LA, visto que expande a visão da sala de aula.

Por fim, percebemos a partir dos componentes da obra resenhada, que as contribuições dos estudos que abarcam a experiência são de grande relevância para a área de LA e de educação. Ou seja, essas investigações se justificam pela necessidade de se entender o que acontece em sala de aula, a partir da visão de quem está inserido nos processos de ensino e aprendizagem. Tais trabalhos nos dão a possibilidade de ampliar nossos conhecimentos sobre um contexto que é relevante para a sociedade em geral, a sala de aula.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, A.M.F.; COELHO, H.S.H. (Orgs.). Emoções, reflexões e (trans)formações de alunos, professores e formadores de professores de línguas. Campinas: Pontes Editores, 2010.

MATURANA, H. Uma abordagem da Educação Atual na Perspectiva da Biologia do Conhecer. In: *Emoções e Linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MICCOLI, L.S. Experiência na Linguística aplicada ao ensino de língua estrangeiras: levantamento, conceituação, referências e implicações para pesquisa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v.7, n.1, p. 208-248, 2007.

_____. Ensino e aprendizagem de inglês: desafios e possibilidades. Campinas: Pontes Editores, 2010.

_____. Pesquisa Experiencial em Contextos de Aprendizagem: Uma abordagem em evolução. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

Suellen Thomaz de Aquino Martins¹

Núbia Enedina Souza²

Rodrigo Carmargo Aragão³

¹ Mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista pela CNPq e pesquisadora no Projeto FORTE (Formação, Linguagens e Tecnologias) – CNPq/UESC. Contato: suellen.tam@gmail.com

² Mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista pela CNPq e pesquisadora no Projeto FORTE (Formação, Linguagens e Tecnologias) – CNPq/UESC). Contato: nunes.nubia@hotmail.com

³ Coautor - Pós doutorando em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordenador do Projeto FORTE (Formação, Linguagens e Tecnologias) – CNPq/UESC e do GT Linguagem e Tecnologias (2014-2016) - ANPOLL. Contato: aragaorc@gmail.com